ANO XI / OUTUBRO 1953 / N.º 108



BIBLIOTECA
SEMINÁRIO DOS OLIVAIS

Novellae

OLIVARUM

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — ANTÓNIO JORGE MARTINS
Redactores — ANTÓNIO BAPTISTA DOS SANTOS
— LERENO SEBASTIÃO DIAS
Proprietário e editor — CARLOS LEONEL PEREIRA DOS SANTOS
Administrador — MANUEL GOMES SOARES

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) ... ... 25$00

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — BEJA — Telef. 268

SUMÁRIO

A Caminho do Universalismo — A. Jorge 201

A evolução na África negra — A. Alves Guerra 206

Um missionário em Moçambique — Alberto Neto 213

Dom Pedro Celestino — Abílio Tavares 217

Cristo no mundo:

Panorama indiano 222

Catolicismo e Arte indígena 223

A Índia tem o seu primeiro Cardeal 224

O livro do mês — F. M. Carvalho 225

Crónica — A. Tavares 227

E. PINTO BASTO & C.ª, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

SEGUROS **CARVÃO**

REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.DA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

Tecidos pretos



Praça dos Restauradores, 13-3.º — Tel. 30876 — LISBOA
(Tem elevador)

Apresenta a maior existência de lanifícios pretos para o **clero, seminaristas** e **ordens religiosas.**
Peça amostras ou visite o nosso estabelecimento para melhor escolha. Concedemos facilidades de pagamento.

N. B. — Não fazemos descontos mas vendemos aos melhores preços



FUNDADA
EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO
Rua das Flores, 69

LISBOA
Praça dos Restauradores, 14

A CAMINHO DO UNIVERSALISMO

Numa sondagem esclarecida aos acontecimentos que agitam o nosso mundo, não será difícil descobrir logo à primeira como estamos a caminhar para um universalismo proveitoso.

O extraordinário progresso material do nosso século destruiu muitas barreiras entre os povos do mundo livre e abriu-nos possibilidades imensas para o entendimento eficaz entre os vários agrupamentos humanos.

No campo social, assistimos à descoberta apaixonada do bem comum, ainda que por vias diferentes. Mesmo sem outras luzes que as do materialismo limitado, ou norteados pelos princípios vivificadores das verdades eternas, seja através do ódio e pondo nas criaturas o termo último das preocupações, seja pelo Amor e na ânsia de as conduzir todas a Deus, o certo é que, nunca como hoje, o homem se sentiu tão comprometido na sorte do seu semelhante.

A última guerra mundial, se nos desenganou a todos quanto a resultados imediatos em ordem ao bem comum, teve ao menos o condão de aproximar todos os que sofrem e de levantar nos outros a inquietação por este sofrimento. Trouxe ao nosso mundo mais sede de justiça e maior anseio de caridade.

Estão em vias de desaparecimento os pergaminhos e os pequenos nadas que levantam barreiras entre as classes, assim como cairam em desuso os preconceitos isolacionistas dos amantes de tradições envelhecidas.

O mundo islâmico abre-se com inteligência para o mundo ocidental onde se levanta uma campanha vigorosa a favor dos nossos irmãos de outros continentes. Na velha Índia o sistema de castas tende a estalar perante as afirmações contínuas da igualdade absoluta de todos os homens.

Nem sempre estas verdades se apregoam em nome do Cristianismo. Por vezes mesmo são defendidas por quem pretende combatê-lo.

Isso não tira a que este universalismo seja um produto essencialmente evangélico. E na maior parte da vezes é a própria Igreja a tomar

a iniciativa, mesmo quando tem de lutar contra o ambiente paganizado da nossa cultura ocidental.

Na grande perseguição nazi aos Judeus, foi ela a única força colectiva a levantar-se contra a opressão. Muitos dos seus filhos pagaram a ousadia com a morte e as torturas nos campos de concentração, mas foi precisamente este heroísmo que a impôs ao mundo. Perante tal oposição à tirania, Einstein dizia de como admirava a Igreja Católica pela sua posição intransigente na defesa dos direitos do homem, quando todas as outras forças que dominam o público servilmente baixavam bandeira perante o despotismo do Reich omnipotente.

Na França, por exemplo, são os católicos os pioneiros do movimento de amizade e auxílio aos muçulmanos que chegam todos os dias de Marrocos e da Argélia. Vêm muitas vezes à aventura, sem trabalho garantido, e, o que é pior, sem condições para viver, ignorando quase sempre a língua e os costumes, e desenraizados por completo do ambiente que anteriormente lhes enquadrava a existência.

Foram também os católicos norte-americanos quem tomou a iniciativa do movimento de verdadeira fraternidade entre os negros e brancos. Como se sabe, as relações entre as duas raças, constituem um problema delicado e são uma chaga viva nos bons princípios da democracia...

Tais atitudes não devem ser motivo de admiração ou de escândalo. De facto, nada há de mais contrário ao espírito evangélico do que todo e qualquer exclusivismo, seja ele de raça, de civilização ou de cultura.

Hoje que todo o mundo tenta aproximar-se e luta e sofre por esta união básica do género humano, a Igreja segue na vanguarda, com a energia sobrenatural a fermentar estes movimentos que, apesar de temporais e por vezes mesmo demasiados terrenos, vão entroncar nos planos inefáveis da Divina Providência.

Observemos agora como ela acompanha esta caminhada em terras de missão, onde são mais urgentes os problemas do crescimento para a maturidade.

*

* *

Cristo veio pôr a felicidade ao alcance de todos os homens. A Igreja verdadeira é a depositária desta mensagem. Tal Igreja é católica, quer dizer, universal, e contém em si capacidade para chegar a todos os povos e energia suficiente para levedar e transcender os autênticos valores desses povos.

Levedar, e não destruir: a Igreja sempre respeitou os valores humanos verdadeiros. Transcender, sublimando-os pelo elemento sobrenatural que lhes insufla e os preserva da corrupção.

Para mais perfeitamente cumprir a sua missão, têm os católicos o dever de procurar levá-la a todos os homens: é o esforço missionário. Desta forma dão seguimento ao preceito positivo do Divino Mestre: «Ide por todo o mundo. Anunciai a Boa Nova (de salvação) a todas as criaturas».

Podemos afirmar sem receio que só em nossos dias a difusão do Cristianismo alcançou geogràficamente toda a superfície do Globo.

Mas a semente do Evangelho encontrou vários terrenos, atingiu regiões muito diferentes no nível de cultura e civilização. E como até aqui os missionários têm pertencido quase exclusivamente ao mundo ocidental, segue-se que vários problemas necessitam de solução ao apresentar-se o Cristianismo a tais povos.

Duas ordens de dificuldades se levantam: as que dizem respeito ao Cristianismo em si; e as que se referem ao ambiente que rodeia o trabalho dos missionários.

No primeiro campo, há a verificar o esforço prodigioso que hoje se tem desenvolvido para o aproveitamento de todas as virtualidades humanas dos indígenas. Os missionários trouxeram grande incremento ao estudo da língua, costumes e civilização dos povos a cristianizar. Hoje trabalha-se intensivamente na adaptação da música e canto indígenas às cerimónias religiosas desses povos.

As artes plásticas contam já em terras de missão realizações admiráveis, e hoje em dia o estilo e a decoração dos templos são uma demonstração efectiva de como todos os homens são chamados à adoração e amor a quem os criou e conserva na existência.

É ainda bem curioso o estudo das reacções artísticas dos diversos povos perante os mistérios cristãos: e na Exposição de Arte Sacra Missionária de 1951 pudemos verificar como a Igreja respeita e acarinha todos os esforços, mesmo aqueles onde o sentido estético é menos apurado.

O culto está a sofrer grandes adaptações de modo a levar todos os homens a viver mais perfeitamente os mistérios cristãos. Foi no nosso século que se retomou a orientação realista dos grandes precursores, como foram os Padres jesuitas R. Nobili e Mateus Ricci.

São de todos bem conhecidas as concessões da Santa Sé referentes ao uso da língua vernácula na administração dos Sacramentos. E em

1949 foi concedido à China o privilégio de utilizar o dialecto mandarim mesmo na Santa Missa, com excepção do Canon, que continuaria a ser rezado em latim. (cf. «Worship», July 1953, p. 395).

Não devemos estranhar tantas modificações. Os deveres para com Deus, cada um os manifesta segundo a sua natureza. O essencial é que a liturgia consiga ser princípio de vida, irradiação da vida de Cristo em nós.

Sobretudo não devemos ver em tais medidas uma condescendência da Igreja perante as fraquezas e limites do espírito humano. São antes a lei da vida.

Numa obra que se tornou clássica, «A Arte Cristã nas Missões», Mons. Celso Constantini, hoje Cardeal da Santa Igreja, refere-se a uma carta do jesuíta Padre Amiot onde o autor observa como, num belo dia do ano de 1780, explicava na Côrte de Pekin as belezas da música europeia e a superioridade desta sobre a música chinesa. Executava em seguida, em flauta e clavicórdio, instrumentos que tocava maravilhosamente, os mais belos trechos da música ocidental, quando os letrados ali presentes lhe objectaram: «Estas melodias não estão talhadas para os nossos ouvidos, nem os nossos ouvidos talhados para estas melodias».

Tal reacção, curiosa para nós, ocidentais, vai inscrever-se, no fim de contas, nas exigências mais profundas do espírito humano.

Analisemos agora o segundo ponto, o ambiente que cerca o trabalho dos missionários.

Em todos os continentes se observa um fervilhar constante de nacionalismo e independência. O fenómeno é perigoso pelos excessos a que pode conduzir. Ao mesmo tempo é perfeitamente legítimo e humano, indicando-nos que o mundo está a caminho da maioridade, embora tais regiões se possam considerar ainda no período da adolescência e do crescimento, uma vez que o movimento começou há pouco a delinear-se e não se encontra isento de extremismos.

A evolução do Continente africano recorda-nos as possibilidades imensas de uma África que começou neste século a caminhar para uma vida e cultura próprias. E o famoso slogan «A África para os africanos» é perfeitamente compreensível temperado pelas exigências da caridade cristã e pela interdependência entre os Povos que constituem a grande família humana.

A Ásia, pelo contrário, pode considerar-se já na maturidade. Continente de civilizações antiquíssimas, o Cristianismo já lá foi encontrar

uma cultura própria, diminuída, é certo, porque simplesmente humana, mas apesar disso aperfeiçoada pelo correr dos séculos. Mas é evidente que esses que desejam sair da tutela do ocidente «colonizador» não admitirão fàcilmente uma Igreja ocidentalizada. Assim, o Catolicismo terá de lhes aparecer verdadeiramente católico, em toda a sua plenitude. Nada mais perigoso, para a verdade e para a felicidade desses povos, do que ser-lhes apresentado à mesma altura, acorrentado a formas de cultura transitórias que eles pouco apreciam, quando não combatem.

A visão extraordinária de Cardijn bem nos avisava, meses atrás, ao regressar de uma viagem ao continente asiático: «olhando para a Ásia, bem poderemos interrogar-nos se o cristianismo aí não permaneceu «ocidental», comprometido nos erros e abusos que lá cometeram os brancos, os europeus». (cf. «L'Actualité», n.º 7, p. 23).

Concluindo, este esforço de integração não está isento de perigos. Na evolução actual nem tudo é de canonizar. Em culturas que se desenvolvem à margem da nossa, é por vezes muito difícil destrinçar logo à primeira os elementos sãos dos que envolvem decadência. Mas a Igreja não recua perante a dificuldade. Porque é católica, contém em si a capacidade de absorver tudo o que há de bom e aproveitável em qualquer civilização.

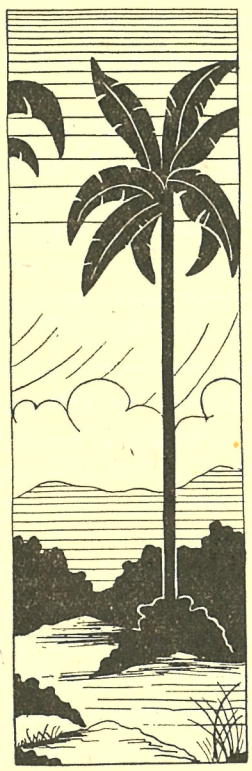
Está agora a começar na história uma caminhada que levará muito longe. A Igreja Católica, a única verdadeira comunidade de salvação está estabelecida em todo o mundo, pronta a cumprir a misão de acolher todos os povos no seu regaço. Ela tem uma palavra a dizer no excepcional momento histórico que atravessamos. A nós, cristãos, compete torná-la presente ao nosso mundo, neste momento histórico.

Não podemos ficar indiferentes ao movimento missionário, manifestação vital da catolicidade. Devemos sentirmo-nos comprometidos na causa da Igreja, vivendo os problemas que levanta o crescimento e expansão do Corpo Místico. Com a nossa vida, podemos enriquecer a vitalidade desse Corpo, e será esta vitalidade que irá operer a salvação dos povos.

É nisto que se relacionam o Domingo das Missões e a Festa de Cristo-Rei: o crescimento e penetração da Igreja através do mundo, para assim nos aproximarmos cada vez mais do reinado Social de Cristo no Universo inteiro.

A. JORGE

A EVOLUÇÃO
NA ÁFRICA NEGRA



Costuma dizer-se por aí que a África se encontra na adolescência. Outros, porém, afirmam que essa fase foi ultrapassada ou está a terminar; aos africanos a tutela parece insuportável, eles aspiram já a ter a sua casa própria, enfim, querem ser adultos.

Uma distinção, todavia, me parece importante. Há regiões em que a adolescência, com tudo o que a define, é a idade característica. Outras há em que a juventude pròpriamente dita, a mocidade que quer viver a sua vida, é uma realidade bem palpável.

Estão no primeiro caso as zonas de influência inglesa e francesa, de uma maneira geral. O Egipto e Marrocos, neste aspecto psicológico, são o tipo da Juventude. O Congo Belga e a África do Sul, tècnicamente adiantados, podem considerar-se adolescentes no aspecto social.

SOCIEDADES SECRETAS

É um facto que todos os observadores verificam, este fervilhar de nacionalismos em todo o Continente negro. Sinal deste movimento são em parte as sociedades secretas. E, ao falar nelas, logo nos lembramos da famigerada Mau-Mau. Não esqueçamos, porém, que ela é um das muitas seitas que pululam por toda a África. Não são apenas os Kikuyus do Quénia que se querem ver livres dos ingleses. Os Homens Leopardos na África Ocidental Francesa, o Kibangismo no Congo Belga, o Incombu

no Camarão francês, o Matsuanismo na África Equatorial Francesa, o «Dimya Msambua» na Uganda, são algumas das muitas seitas secretas que têm no seu programa, como fim principal, a expulsão do branco. «A África para os Africanos» é um «slogan» que se vai espalhando com rapidez entre as mais diversas tribus.

A África é hoje o campo ideal para estas sociedades secretas, verificamo-lo com pena e com certo receio. E em parte alguma houve tanto cuidado em preparar o terreno para este género de cultura como aqui, temos de reconhecê-lo igualmente.

A questão racial, que atinge o máximo de acuidade na África do Sul, é o problema que abarca, transcendendo-os, os outros problemas africanos. Por agora ela é o Problema. Não há preto que não se ponha esta questão. «Desde o nascimento até à morte, ele não pode esquecer-se, por um momento sequer, de que é negro. Isto lho faz ter presente todo o mundo dos brancos, de quem a palavra negro recebe todo o seu sentido. E não há escritor negro a quem não se ponha este problema».(1)

De facto, além de todos os possíveis erros dos povos brancos colonizadores, há uma determinante que os levou a todos à mesma atitude em face dos indígenas: o clima. Se este é favorável à sua instalação, o branco é duro, por vezes mesmo brutal; se é áspero e impede o povoamento branco, este torna-se bondoso e condescendente.

Charles d'Ydewalle nota, graciosamente: «No Quénia, o inglês plantador de café, antigo funcionário nas Índias, é duro para os indígenas; um chapéu mole de feltro é quanto lhe basta. Na Nigéria, mostra-se encantador e gentil: é que voltou a usar o capacete. Em Bulawayo, torna-se velhaco; há bons colégios, estradas de macadame e campos de golfe. Não é necessário o chapéu». (2)

É assim. Os interesses materiais têm sido o móbil principal dos colonos. Se não foram os missionários, bem triste seria a civilização que a Europa para lá lhes levou. E é porque o branco se tem preocupado mais com os seus interesses, que aparecem os Jomo Kenyatta a protestar e a agir (e de que maneira...) contra tal situação.

Na África do Sul, um negro não pode ser operário qualificado, não pode sair da sua zona, não pode entrar no bar, na escola ou na igreja (!)

---

(1) Simone de Beauvoir, cit. em «Études», Dez. de 1952. Isto que foi dito dos negros da América, pode dizer-se igualmente dos da África.

(2) «Notes de Voyage en Afrique Noire», em «Études», Dez. de 1952.

dos brancos. Os linchamentos em pelna rua são a resposta desesperada dos indígenas a esta política desumana.

Digamos de passagem, que neste capítulo, nós, portugueses, temos sido dos melhores. São os outros que o dizem... Os preconceitos de raça não entraram ainda, nem entrarão nunca, na mentalidade portuguesa. Um jornalista italiano define Moçambique como uma ilha no meio da África em chamas e uma terra onde o preto sorri ainda ao branco. (1)

A EVOLUÇÃO ECONÓMICA

A evolução rapidíssima, em muitas regiões, deu origem a problemas de extrema gravidade.

A industrialização e a consequente afluência aos grandes centros, têm provocado o maior desequilíbrio. Os nativos, arrancados de golpe às suas aldeias, separando-se dos costumes ancestrais e da organização tribal que lhes estrutura toda a existência, encontram-se completamente desorientados por não acharem nada que substitua, dentro e fora de si, aquilo que abandonaram.

O espírito puramente mercantilista e o entusiasmo febril pelo progresso que vão encontrar nas grandes cidades das regiões industrializadas, arrastam-nos para um novo paganismo, agora materialista, mil vezes pior que o anterior. Nas suas aldeias e tribus eram tidos em conta certos valores humanos e religiosos, mesclados de erros embora. Nos grandes centros onde são obrigados a trabalhar, não mais se consideram tais valores; o ateísmo em breve lhes arrancará o que, porventura, o trabalho duríssimo e a vida miserável não conseguiram destruir nos primeiros tempos. Esta passagem brusca de um tipo de vida absolutamente primitivo para a agitação frenética da civilização industrial não podia deixar de produzir os efeitos mais desastrosos.

A evolução económca da África, provocada pelas potências colonizadoras e activada pelos interesses de grandes organizações industriais, porque não foi gradual e sucessiva, foi antihumana.

Na África do Sul, só as minas de oiro e diamantes ocupam meio milhão de negros. E dois dos seis milhões de nativos afluiram aos

---

(1) Transcrição do «Corriere de la Sera», em «Portugal em África», Maio de 1953.

grandes centros. As «compounds», ou cidades interditas, são a triste consequência desta febre e dos odiosos preconceitos de raça.

Leopoldville tinha em 1932, 36.000 indígenas. Em 1952 contavam-se já por 120.000. Esta subida verifica-se em todas as regiões industriais do Continente africano. Dakar é hoje um centro industrial de primeira ordem. Milhares de negros vivem na maior das misérias moral e material, nos arredores, em barracas de lata. Antes da guerra possuía 80.000 almas. Hoje são 250.000.

Nos últimos tempos as construções grandiosas, estradas e fábricas, aparecem como por encanto e por toda a parte. E todavia, os homens sentem-se cada vez menos felizes.

É que se vêem considerados como meios. O branco olha-os como a mão de obra necessária e pouco mais...

Nem tudo é para lamentar, evidentemente. Há pontos onde foi possível uma evolução racional e organizada, com a preocupação do aspecto espiritual.

Katanga, no Congo Belga, é um exemplo que apraz citar. Podemos verificar como pode realizar-se obra totalmente humana, sem descurar os interesses materiais, que, pelo contrário, mais favorecidos ficaram, no fim de contas.

A União Mineira de Katanga, por iniciativa dos missionários, quis desde o princípio que os negros gozassem de um nível de vida humano e para isso destinou importantes somas de dinheiro. Para evitar as graves consequências de uma população flutuante, concedeu prémios aos operários que aceitassem estabelecer-se em Katanga, com toda a família. Construiu vivendas, escolas, hospitais, sanatórios e maternidades. Entregou estes centros ao cuidado das religiosas, que se ocuparam também da formação e educação das mães e raparigas indígenas.

Da formação moral e religiosa dos operários, ocupam-se os missionários beneditinos belgas da Abadia de Santo André. São eles também que cooperam na formação superior, profissional e técnica, dos operários especializados negros.

Simultâneamente, pôs-se em prática um amplo programa social: salários elevados, prémios, gratificações, subsídios familiares e outros melhoramentos de clara inspiração cristã. Dotaram-se ainda as mulheres dos operários com uma pequena horta, onde cada uma cultiva diversos produtos de consumo doméstico.

No meio deste novo centro fabril, levanta-se majestosa a Igreja

de S. Pedro. As cerimónias são muito concorridas e os pretos cantam, durante a missa, partituras compostas sobre melodias indígenas, com acompanhamentos de instrumentos musicais do país.

Em volta da igreja, ficam as escolas, uma ampla sala de cinema, piscina, campos de futebol e um imenso estádio com pistas de atletismo.

Criaram-se ainda Cooperativas de consumo, e apesar da propaganda subversiva dos comunistas europeus, os Sindicatos cristãos impuseram-se desde o início e estão-se desenvolvendo magnìficamente. (1)

Como se vê, nem sempre a industrialização arrasta consigo a desordem e a irreligiosidade. A cooperação entre os dirigentes e os missionários fez de Katanga um padrão por que todos nós desejaríamos fossem aferidas as realizações semelhantes. O Evangelho tem uma palavra a dizer a todos os problemas do nosso tempo. Da aplicação dos seus princípios dependem a justiça e a paz, condições que, mais tarde ou mais cedo, levam ao bem estar material.

«Na medida em que as almas sentem as influências misteriosas do Evangelho aumenta o amor e a justiça, a lealdade e o respeito, o desinteresse e o espírito de sacrifício, a fidelidade aos deveres de família e a dedicação às exigências do bem social.

Não definem estas virtudes uma civilização digna do homem?

Não mostra ainda a experiência que elas tendem a desaparecer, cedendo o campo aos egoísmos invasores, quando os valores cristãos entram de empalidecer nas consciências?» (2)

Não é, pois, do Evangelho, a exploração pura e simples dos territórios dominados, sem mais preocupações. Não são evangélicas as «cidades interditas» e os bairros exclusivamente destinados a uma raça ou classe...

De facto, o Dr. Malan não é ao Evangelho que vai procurar os fundamentos religioso-místicos do seu sectarismo racista. No seu entender, o Livro dos Juízes presta-se a isso. Os brancos são, na sua interpretação, o Povo Eleito, e os negros, como não podia deixar de ser, não passam de malditos Filisteus e Amalecitas. Veremos, de futuro, aonde leva esta aplicação da Sagrada Escritura...

---

(1) «El puñado de Sal», em «Catolicismo», Janeiro de 1951.
(2) Leonel Franca, «A Crise do Mundo Moderno», Lisboa, 1946, p. 375.

Não foi, pois, sem fundamento, que negros cultos perguntaram ao Doutor Aujoulat, Secretário de Estado do Ministério francês do Ultramar e Deputado pelo Camarão: «Nós, os negros, queremos estar seguros num ponto: — As missões opõem-se ao progresso dos negros, ou pelo contrário, estão dispostas a secundar a nossa actual evolução?»

*
* *

A evolução para uma vida autónoma é lei geral para todas as comunidades que, por circunstâncias geográficas, históricas, rácicas e outras, não podem, a partir de certo momento, continuar na dependência de outros povos. Isto não quer dizer que a assimilação não seja possível. A integração das províncias ultramarinas portuguesas na vida nacional é hoje um facto bem palpável.

A justiça com que são tratados os naturais, a igualdade e direitos que as nossas leis lhes outorgam, conseguiram a unidade de todo o Império.

Há, todavia e sempre, possibilidades de mudança. Os homens não agem por leis fixas, são influenciáveis, e a exaltação de um momento pode decidir da vida de um povo.

Temos de acompanhar de perto as aspirações legítimas dos naturais, não para as frustar, mas para lhes dar cumprimento, na medida do possível. A consciência da sua dignidade de homem vai-se tornando cada vez mais viva entre os nativos das nossas Províncias Ultramarinas. Há uma «elite» de intelectuais e pensadores negros que se esforçam, às vezes com certa obsessão, por fazer sentir isto mesmo aos seus irmãos de raça, como também aos brancos.

No futuro, a interdependência será a forma de governo que presidirá às relações dos povos dirigentes e dirigidos nos nossos dias...

Leopoldo Sedar Senghor afirma que não será possível uma Europa sem a África, dada a interdependência que existe já hoje. Em razão disto mesmo e por ser uma exigência da justiça, ele declarava, na tribuna do Conselho da Europa: «Nous voulons bien, dans ce mariage de raison, être les pages qui tiennent le voile de la mariée, nous vous refusons à être les cadeaux de noce, ni la vaisselle qui fait les frais des scénes de ménage, ni les poupées pour amuser les enfants de demain.

Nous ne sommes pas des choses, pas même des poupées. Nous sommes des hommes vivants: des fins, non des moyens». (1)

*
* *

A evolução na África é uma realidade, podemos concluir. Em que sentido se orientará ela? A que levará, finalmente?

Deus o sabe. A Sua Vontade será cumprida, embora através da liberdade dos homens. Pode acontecer que, os que menos pensam em realizá-la, sejam os mais úteis e eficazes instrumentos.

Está lá o fermento. A Igreja na África é hoje, a despeito de tudo, uma força capaz de fazer do Continente negro a Terra do Futuro, como lhe chamam já, atendendo apenas aos seus imensos recursos económicos.

A. ALVES GUERRA

«Os olhos do mundo estão postos na África. A corrida para a África encobre, porém, não raro, a ideia de explorar a sua população, como mão-de-obra. Mas a exploração do negro nunca trouxe a felicidade nem aos negros, nem aos brancos, nem à própria África.

...É mister que acima dos interesses particulares se coloque o «homem» que é sempre e em toda a parte «homem», quer seja preto, amarelo ou branco. O uso de duas medidas, uma para o branco e outra para o preto, é um erro fatal».

Cardeal-Arcebispo de Lourenço Marques
em «Acção Missionária», Abril, 1953

(1) Cit. em «La Vie Intelectuelle», Maio de 1953.

Um missionário em Moçambique

Foi com agrado que ouvimos o Rev.º P. Ferreira da Silva, missionário franciscano em Chibabava, na Diocese da Beira. Saído há pouco da Metrópole, não conta mais de cinco anos de missionário. Mas nem por isso deixou de nos dar uma visão bastante completa dos problemas mais discutidos da hora actual.

Começámos por uma agradável conversa que, sem darmos conta, nos encaminhou insensìvelmente para os problemas que mais nos interessavam. Assim nos resumia as impressões dos primeiros anos:

«É sempre para nós um grande sonho o das missões. Quando partimos, levamos a convicção de um florescente apostolado, mas aos poucos o sonho dá em tornar-se realidade. As dificuldades começam a surgir. As primeiras de todas são a língua, e sobretudo os brancos. Não se admire de lhe falar assim, porque mais difícil que a aprendizagem do idioma nos surge o procedimento dos brancos, nem sempre exemplar, o que nos cria um ambiente pouco favorável. Daqui nascem por vezes graves consequências. Corre-se o risco de os indígenas nos olharem a nós, missionários, com a mesma desconfiança com que os olham a eles.

— Se o esforço de penetração dos nossos missionários encontra tão grandes entraves, porque não encarar com mais interesse o problema do clero nativo? — perguntámos.

— A questão é mais difícil do que parece. E para lhe falar com franqueza, não lhe posso dar uma resposta cabal. Isto porque na Província de Moçambique não temos ainda clero nativo organizado. Ordenou-se este ano o primeiro saído das nossas missões e em anos próximos, se Deus quiser, outros lhe seguirão os passos.

— Mas em Angola...

— Sim, de facto em Angola é elevado o número de sacerdotes nativos, e segundo parece, com óptimos resultados e vantagens. Questão de mentalidade. É bom não descuidar este factor importante. Nunca poderemos entrar em contacto tão íntimo com os negros como eles. A diferença de cor, de temperamento, de costumes, impedem-nos de os compreender

totalmente. Isto faz com que o problema tenha de levantar-se a todo o custo. No entanto, a ordenação do clero indígena nas nossas dioceses de Moçambique, pouco cristianizadas, é ainda hoje um tanto problemática.

Neste momento, o P. Ferreira da Silva, contou-nos o caso de um seminarista indígena, filho de um régulo moçambicano, que depois de alguns anos de estudo num Seminário franciscano, foi aconselhado a sair por não querer abdicar de certos ritos e costumes, apesar dos conselhos insistentes dos Superiores.

De facto o problema é delicado. Se por um lado, as dificuldades abundam, também é verdade que o clero indígena vai ao encontro de uma necessidade fundamental da Igreja...

Às nossas hesitações responde o P. Ferreira da Silva:

— Não nego as dificuldades. Conheci um preto do interior formado no Continente. Alguns anos depois voltou para a selva. E um dia, alguém que o visitava e havia conhecido na Europa, pasmou ao vê-lo no mato, de tanga, absolutamente familiarizado com a maneira de ser dos indígenas. Tinha regressado à barbárie.

— Nesse caso, a possível readaptação aos costumes primitivos é um dos obstáculos que mais se opõem ao desenvolvimento do clero nativo.

— Sim, de certo modo. Mas as dificuldades não são tão grandes que nos levem a cruzar os braços. O Seminário do Zobué mostra bem o interesse do nosso Rev.º Prelado. Assim encontrássemos resolução para o problema material!

— Sempre o eterno problema material...

— Sem dúvida. Embora o Estado faça alguma coisa, temos de reconhecer que estamos ainda mal. Um simples confronto com as missões protestantes nos mostra como os católicos não estão ainda à altura de compreender o papel importantíssimo que lhes cabe no alargamento do Reino de Deus.

O mesmo não se pode dizer dos protestantes ingleses. As suas missões gozam de bastantes facilidades monetárias. Fui um dia visitar a missão inglesa de Penha Longa, dirigida por Agostinhos, que em nada diferem dos nossos. Ofício divino em coro, os mesmos hábitos, e observância do celibato. Aí soube que só para os serviços de propaganda, recebia a missão por mês enormes quantias.

— E donde esses fundos?

— A maior parte de leigos. É incalculável a ajuda prestada por

eles às missões, e por vezes usando processos bastante originais. Recordo-me de um que não quero deixar de sugerir, porque ao alcance de muitos bons católicos portugueses.

Foi então que o P. Ferreira da Silva nos disse existirem grandes industriais ingleses que, do lucro anual, reservam enormes quantias para a compra de novas fábricas que ficam em nome de determinadas missões. A esta pertence depois todo o rendimento. Como vê, concluía S. Rev.ª, são processos que livram as missões de certos apuros. E no fundo, o preto vai mais por obras que por palavras...

*

* *

Desviámos então para certos problemas de pastoral que hoje em dia são muito debatidos. Sugerimos:

— Nas missões, os catecúmenos são bem preparados para o Baptismo... Como encara V. Rev.ª os baptismos em série?

— Não posso concordar com eles. É processo hoje totalmente desconhecido entre nós. Só baptizamos depois da certeza moral de que o novo cristão dará garantias para o futuro. Nada de precipitações que nos levariam a graves consequências.

No meio de tantos infiéis, a nossa preocupação deve ser a de preparar bons cristãos, e não apenas cristãos de nome, ainda que numerosos.

— E em que consiste esta preparação?

— Em concreto, diverge de missão para missão. Seguimos todos, no entanto, pontos comuns. Logo que o preto entra, é-lhe entregue uma medalha e é inscrito no ficheiro catequístico. Assiste-se depois, durante quatro anos, a um trabalho intenso de doutrinação que nos dá possibilidades de medir o adiantamento e o aproveitamento dos catequizados. Assim se vai fazendo uma aproximação gradual que, preparando-os a eles, nos permite uma selecção cada vez mais apurada.

— E não haverá um tanto de exagero numa escolha tão rigorosa, atendendo à mentalidade dos indígenas?

— De modo nenhum. Apesar de tantas exigências, as nossas catequeses são bastante frequentadas e os resultados têm sido alguns. Esperamos assim, dentro de alguns anos, incutir nos negros uma visão mais rasgada e verdadeira do cristianismo. Não devemos ter medo de o apresentar em toda a sua pureza e com todas as suas exigências. O catecumenato durante estes anos, ensina-no-lo a experiência, é a única

solução possível para uma acção verdadeiramente eficaz. O ambiente arrasta, e o preto, habituado a uma vida de ócio, não aceita logo à primeira as exigências do cristianismo. Fazer cristãos não custa. O difícil é fazer muitos e bons. Por isso devemos sempre sacrificar o número à qualidade.

Foi então que soubemos serem os padres brancos os mestres do missionamento indígena em Moçambique. Sua Rev.ª falou-nos com admiração dos processos por eles postos em prática:

— Em questão de admissões são muito rigorosos, o que tem a sua razão de ser. O preto é cuidadosamente experimentado durante o catecumenato e se nesses quatro anos falta, por exemplo, três domingos seguidos à missa, retardam-lhe o Baptismo por um ano. A acção destes missionários tem sido notável e todos nós temos aproveitado.

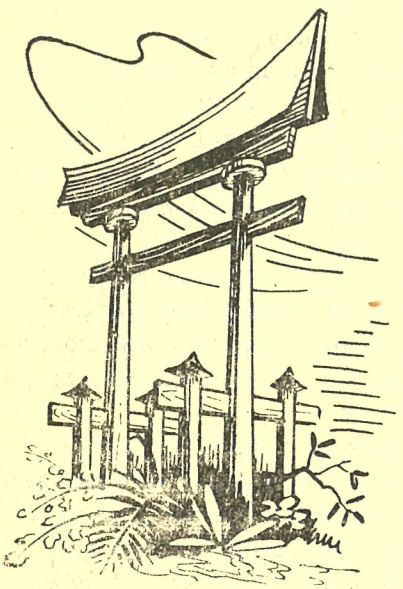
Como termo desta pequena entrevista falou-nos o Rev.º P. Ferreira da Silva nas suas esperanças para o futuro.

— Espero em Deus que, uma vez aplainadas certas dificuldades e corrigidos alguns defeitos que a inexperiência nos acarretou, possamos olhar com confiança para o alargamento o Reino de Deus em terras de Moçambique.

ALBERTO NETO



Dom Pedro Celestino



o confucionista cristão

Perante este curioso personagem que, após uma brilhantíssima carreira diplomática que o conduziu ao elevado cargo de ministro dos negócios estrangeiros da China, trocou a agitação da vida política pelo silêncio dum claustro beneditino, nasce no nosso espírito um forte impulso de curiosidade.

O próprio Lou Tseng-Tsiang (seu nome de baptismo) veio ao encontro dessa interrogativa e decidiu escrever, a pedido dos seus irmãos da Abadia de Santo André, quatro conferências em que traça a linha de evolução dos factos e das ideias ao longo da sua vida. Essas conferências, escritas em estilo vivo e atraente, cheias da tão característica subtileza oriental, foram editadas sob a epígrafe de «Souvenirs et Pensées» e vão-nos permitir esboçar o perfil do homem, do político, do cristão, do religioso.

Nasceu em Xangai, das mais importantes cidades da China, esse país longínquo e desconhecido que em muitos campos está bem longe de corresponder à ideia desfavorável que os ocidentais a princípio dele formaram.

Recebeu os esmeros da educação chinesa no seio dum ambiente familiar propício ao desenvolvimento de todas as boas qualidades naturais, como é timbre do mundo confucionista.

São já bem conhecidos o equilíbrio e a riqueza dos princípios morais por que se rege a China desde as remotas eras dos imperadores T'ang e Wou Wang, contemporâneos de Abraão, passando por Confúcio que com seus discípulos comentou e passou a escrito essas velhas tradições.

De tal modo elas informaram a mentalidade de D. Pedro Celestino que este até à morte se lhes conservou fiel. Prova-o esta vigorosa confissão: «Sou confucionista, porque esta filosofia moral, em que fui educado, penetra profundamente a natureza do homem e traça claramente a sua linha de conduta para com o Criador, para com os pais e para com os semelhantes: pessoas e sociedade».

Logo, é possível conciliar a moral confucionista com o cristianismo e de tal maneira que pode ser-se autenticamente cristão e ao mesmo tempo entranhadamente confucionista. A doutrina tradicional da China é aceitável enquanto promove eficazmente a formação natural, simplesmente humana, do indivíduo. Foi na escola confucionista que Lou Tseng Tsiang aprendeu a render culto ao Altíssimo, a ter em apreço a virtude e a sabedoria e a praticar a piedade filial.

Em família, na prestigiada família chinesa, rodeada sempre do maior respeito porque a ela justamente se atribui um papel importantíssimo e decisivo na formação do indivíduo, treinou-se no desinteresse, no respeito pela autoridade, no esquecimento de si, virtudes que sempre o distinguiram em toda a sua actividade pública.

Durou esta cerca de trinta anos, tempo que dedicou ao serviço generoso e abnegado da China. As gravíssimas crises que o país amarelo por esta altura atravessou e que comprometeram sèriamente o seu prestígio político diante dos outros países do mundo, estimularam o ardente patriotismo de Lou Tseng Tsiang. Teve acção importante no afastamento do regime imperial, cuja administração decadente e viciada se opunha às reformas urgentes que se impunham. Pronto a tudo sacrificar aos interesses superiores do seu país aceitou, repetidas vezes, missões diplomáticas de grande melindre, que exigiam arrojo e energia, e que num período infeliz da história da China poderiam acarretar, como frequentemente aconteceu, incompreensões e descontentamentos por parte dos compatriotas.

As diversas fases da sua carreira diplomática, a maneira como a China fez frente aos ataques e usurpações por parte do Japão, da Rússia e da Alemanha, a evolução das mentalidades no sentido duma «ocidentalização» sobre uma base de fidelidade aos valores tradicionais, — tudo isto é descrito em «Souvenirs et Pensées» por palavras em que transparece uma requintada sensibilidade a vibrar perante tudo o que é chinês.

Mas sobretudo são os progressos do homem público na senda de

Cristo e da verdadeira Igreja que é interessante inspeccionar.

Já se frisou que a moral confucionista é compatível com o cristianismo. Pergunta-se: como se apresentou a Lou Tseng Tsiang o problema da conversão à Igreja Romana?

Ns planos da Providência a seu respeito, teve papel de relevo o velho mestre Shu King-Shen por quem guardou sempre amizade e reconhecimento profundos. Chamou-lhe este a atenção, no limiar da sua carreira pública, para o êxito da civilização ocidental. Atribuía-o não às armas nem à ciência, mas sim à religião que a informava, a cristã. O seu governo espiritual-mundial, tão antigo como o Fundador, seria a causa profunda da coesão, da estabilidade e do progresso da Europa.

É tanto mais natural que, à consideração de homens públicos, a Igreja se apresentasse, num primeiro contacto, sob o prisma das suas vantagens sociais, quanto é certo que o ressurgimento da China decadente e a busca duma solução eficaz para a sua estagnação constituíam, na altura, a preocupação dominante destes homens de governo bem intencionados. Por isso o mestre fazia ao discípulo, a respeito da Igreja Católica, estas sábias recomendações: «estuda a sua doutrina, pratica os seus mandamentos, observa o seu governo, segue de perto todas as suas obras... Se puderes entra nela igualmente, faz-te discípulo e observa a vida interior em que deve residir o seu segredo. Assim que tiveres compreendido e captado o segredo desta vida, logo que tiveres atingido o coração e a força da religião de Cristo, trá-los e dá-os à China».

Seguiu este as sugestões do mestre e o estudo do Cristianismo, a que dòcilmente se entregou sob a inspiração da graça, revelou-lhe o panorama grandioso da sua doutrina e da sua organização. Em 1911 converteu-se ao Catolicismo.

«A minha conversão não é uma conversão, é uma vocação», sintetiza nas suas memórias. Efectivamente o seu espírito foi conduzido, segura mas suavemente, ao reconhecimento da superioridade evidente da Religião Católica. Bastou analisá-la à luz dos rectos e sábios critérios bebidos no confucionismo. O respeito pela tradição, tão genuìnamente chinês, inclinou-o a reconhecer como autêntico aquele ramo do Cristianismo que remonta às origens.

Impressionou-o sobremaneira a sua indestrutível unidade, tanto na doutrina como no governo, que livra as consciências de perplexidades e que é a razão última da estabilidade que a Igreja empresta ao governo e à sociedade.

«A Igreja Cristã e Católica, a Santa Igreja Romana, é o complemento divino, maravilhoso e insubstituível, de tudo o que eu possuía, de tudo o que eu pressentia, procurava e desejava, e das instituições fundamentais do meu povo» — Esta frase é uma demonstração viva da profunda concordância do cristianismo com a natureza humana.

Depois da morte da esposa, cuja influência discreta muito pesou na sua conversão, Lou Tseng Tsiang entrou num mosteiro beneditino e fez-se sacerdote. Só então, com o auxílio da oração, particularmente a oração litúrgica, aprofundou o dogma católico descobrindo toda a sua riqueza e harmonia.

Não se pense, todavia, que o ingresso num convento beneditino do Ocidente lhe esmoreceu o amor pela China e o interesse pela sua reabilitação aos olhos do mundo.

A sua profissão religiosa, longe de lhe dificultar a actividade em prol da cristianização da China, que o mestre lhe sugerira, colocou-o em condições de a desenvolver com mais eficiência.

Os homens influentes da China não podiam deixar de se impressionar vivamente com a atitude do colega e de perscrutar os motivos e o fundamento da sua decisão, como de facto aconteceu. Vemos assim como a posição que ocupava fez com que o simples facto da sua entrada num convento assumisse uma importância extraordinária. Os laços entre o Oriente e o Ocidente apertaram-se e surgiram possibilidades de maior intercâmbio. Vinte altas personalidades chinesas formularam estes votos a quando da sua ordenação: «O senhor Lou realizará em si a fusão do Oriente e do Ocidente no domínio moral».

Além disso, numa das conferências inseridas em «Souvenirs et Pensées», D. Pedro Celestino lança as bases dum apostolado eficiente na sua terra natal. Aponta a necessidade duma adaptação e aproximação preliminares, indispensáveis em qualquer campo de apostolado mas sobretudo na China, sempre ciosa do seu património secular e alimentando uma sistemática desconfiança e indiferença por tudo quanto é estrangeiro.

Recorda os métodos do grande Padre Mateus Ricci, que, no século XVI, cometeu a façanha de abrir ao cristianismo as portas desse mundo impenetrável, porque soube apresentar-se como um curioso dos valores chineses, familiarizando-se com a cultura confucionista, porque explorou o gosto pela ciência empregando a sua para fins apostólicos, numa palavra, porque aceitou tudo o que havia de aproveitável na índole e nas tradições chinesas e lançou-lhe o baptismo cristão.

Numa concretização destes processos missionários advoga o emprego da língua chinesa na liturgia, para assim facilitar ao mundo oriental a inteligência das riquezas do culto católico.

Neste esforço de aproximação não é apenas o Oriente que beneficia, o Ocidente só lucra com as aquisições da cultura chinesa, a própria Igreja fica enriquecida. Intregrando mais um lote valioso de valores humanos, tanto culturais como morais, daria mais uma excelente demonstração da sua catolicidade. D. Pedro Celestino afirma que os resultados deste esforço «fariam da Igreja, Mãe de todas as Igrejas, não só a capital espiritual do mundo cristão, mas uma capital cultural e moral de todo o Universo».

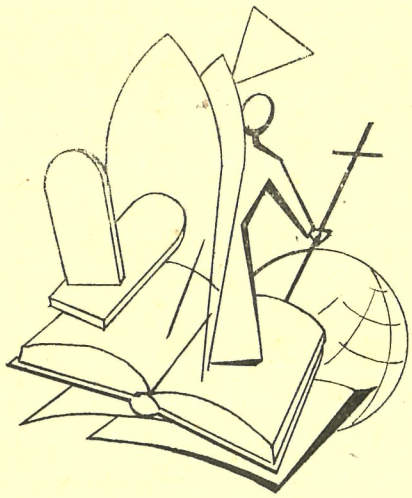
Em concreto, algumas dessas aquisições seriam as gloriosas tradições familiares, um clima espiritual em que os valores superiores são reconhecios e devidamente apreciados, um religioso respeito pela tradição e uma natural circunspecção, muito aparentada com a humildade e a confiança cristãs perante os desígnios da Providência.

As últimas páginas de «Souvenirs et Pansées» dedica-as D. Pedro Celestino a algumas considerações sobre o papel que o monaquismo beneditino desempenharia na cristianização da China. Refere-se ao pendor místico dos povos orientais, que o budismo avassalou.

A história religiosa da China teria tomado outro rumo se em lugar da grande expansão do monaquismo budista, fôsse um facto a divulgação da regra de S. Bento, cujas características essenciais tão bem se coadunam com a alma chinesa: um humanismo equilibrado e uma forma de organizar a vida nos mosteiros segundo o quadro e ambiente familiares.

D. Pedro Celestino ficará na história chinesa como uma das figuras de maior vulto, constituindo justificado título de orgulho.

ABÍLIO TAVARES



CRISTO NO MUNDO

Panorama indiano

Longe vai o tempo em que a Índia era apenas país de selvagens e encantadores de serpentes.

O panorama actual é completamente diverso. Hoje 2.000 alunos se revoltam por não serem admitidos nas escolas e levam os que o foram a não assistir às aulas. É o interesse pela cultura. Cidades populacionais de grande comércio. e indústria. Foi a descoberta do sub-solo e seus recursos. Jazigos de ferro com 20 biliões de toneladas em reserva. Produção primeira de manganês com 230 milhões de toneladas anuais. À Índia pertencem 88 por cento da produção mundial de resinas. O excepcional acréscimo de produção de café, tabaco, algodão, exige a construção de novos portos exportadores.

E tudo isto reclama o emprego da máquina a substituir o braço. É a industrialização. Está na base da independência . Só a industrialização permitirá ràpidamente o nível económico capaz da auto-suficiência do país. Tal é o pensamento de Nehru, que bem cedo se apaixonou pelos problemas nacionais.

Em 1929, torna-se chefe do movimento e agitador político da nação. A independência surge em 1948.

Nehru, formado em direito na Inglaterra, regressa definitivamente à Índia. Todo o seu interesse é a política. Mas, até 1920, como ele próprio confessa, «era duma ignorância crassa no que dizia respeito à condição dos trabalhadores das fábricas e dos campos». Por essa altura, depara-se-lhe toda a miséria das camadas trabalhadoras. A sua preocupação torna-se dupla: política e social.

A primeira consegue satisfazê-la, ainda que imperfeitamente. O Liga Muçulmana não permite a unificação. A Índia fica dividida em dois estados — a União Indiana e o Paquistão, fundado sob princípios islâmicos.

A resolução do problema social apresenta maior dificuldade. E maior nos territórios da União indiana, onde precisamente se concentrava a industrialização. Nehru envereda pelo caminho socialista. O exemplo extremista da Rússia não o seduz por escravizante — prova clara da sua sinceridade e aspirações: a elevação das massas, sobretudo das mais ínfimas.

Acima do material coloca Nehru a supremacia do social. Não atende aos problemas espirituais, porque, dentro

das concepções religiosas que conhece, em nenhuma vê eficácia terrestre e social. Não tem sentimentos religiosos, porque afiguram-se-lhe irracionais e formalistas. Efeitos do contacto com o protestantismo inglês e as religiões indianas.

A sua doação à causa do bem comum, o amor às classes baixas, a repugnância por religiões incompreensíveis colocam-no em disposições óptimas para receber o catolicismo. Ele mesmo confessou que não chegou a conhecê-lo.

Nehru é o expoente da moderna mentalidade indiana. Partilha do preconceito contra o catolicismo.

Esta atitude, mais comum nas camadas cultas, tem por base os nossos princípios colonizadores. Pretendia-se então fazer português tudo o que se tornava cristão. Ser cristão equivalia, portanto, a ter que ser estrangeiro.

O catolicismo é, hoje, como ontem, religião estrangeira. Aceitá-lo é traír o sentimento nacional.

E quando este está em causa, uma nação recém-independente não pode transigir. A nova metodologia missionária, pretendendo fundar cristandades duradoiras, entra por caminho seguro quando procura estabelecer Igrejas com hierarquia própria, cujos membros sejam recrutados entre os mesmos indígenas. E prossegue com segurança quando despe o cristianismo das formas estrictamente europeias, que o apresentam como estrangeiro, para conservar e respeitar o que há de transcendente nos costumes e pensar dos indígenas. É abrir as portas da catolicidade da Igreja.

A evangelização da Índia oferece dificuldades múltiplas. Ao preconceito rácico acrescentou-se a evolução do país, agora industrializado e de forte intercâmbio comercial.

Por isso, o problema da reconquista para Cristo tem características muito semelhantes às de qualquer nação moderna em progresso.

Catolicismo e arte indígena

No seu livro «L'art chrétien dans les missions», mons. Celso Costantini escreve: «A Igreja aprecia com profundo respeito a arte dos povos civilizados que quer evangelizar e olha com amorosa simpatia as tentativas da arte indígena dos povos primitivos, considerando a sua pobre arte como um gérmen, que pode dar fecundo desenvolvimento». É o apreço devido a tudo o que é verdadeiramente humano.

Mas continua: «A igreja aceita para o culto os dons naturais da arte de qualquer povo, seja ele o mais atrasa». do». É o acolhedor universalismo cristão, no seu convite a todos os povos para o louvor ao Criador.

O espírito do cristianismo é construtivo. Não destrói. É acima de tudo renovador. Renova os costumes, os pensamentos, as almas. E atinge-as começando por aqueles. Tem portanto uma missão civilizadora, em primeiro lugar. Restaura a dignidade humana. Emenda defeitos. Orienta rectas intenções. Coloca o homem no seu verdadeiro lugar de criatura racional, com destinos eternos. É a civilização cristã.

O conceito «católico» da Igreja ultrapassa as barreiras do nacionalismo e da raça. É sobretudo contrário ao egoísmo daquele. Compõe-se de dois termos: unidade e universalidade. Por isso, a Igreja aproveita todas as manifestações humanas para lhes incutir o seu espírito. Condescende com tradições e baptiza-as. Respeita mentalidades e cristianiza-as.

Verifica-se isto, claramente, no campo da arte. A Virgem Santíssima era israelita e no entanto os negros comprazem-se em venerá-la em talha preta; os do Extremo Oriente preferem vesti-la de kimono, como se nascera no Japão ou na China. E nós ocidentais fazemos outro tanto. E ninguém nos leva a mal. Uma igreja, uma imagem, são aceites pelo indígena, quando vão ao encontro da sua sensibilidade. Ao contrário, produzirá desagradável impressão tudo o que contraste com o seu gosto original.

Os pagodes, os arcos sintoístas correspondem de modo expressivo à vegetação e clima orientais. O culto da

natureza, que é a contemplação extática da mesma, diz-nos da mentalidade. As catedrais góticas seriam uma aberração para um chinês.

Com temperamento mais votado ao espiritual e uma arte mais convencional, os orientais apresentam as condições mais próprias para representarem na tela, ou na madeira os mistérios do cristianismo.

A cabana, os ornatos geométricos e coloridos, a tosca estatueta de madeira traduzem a expressão máxima das exigências estéticas dos negros. Estes, em confronto com a arte europeia, são muitas vezes levados a desprezar a sua própria. É a sedução de tudo o que vem dos brancos. Cabe ao missionário o cuidado de os guiar nos curtos voos artísticos, fornecendo-lhes os motivos da fé cristã, para que neles se inspirem e os vivam. E todo o autêntico artista vive as suas criações.

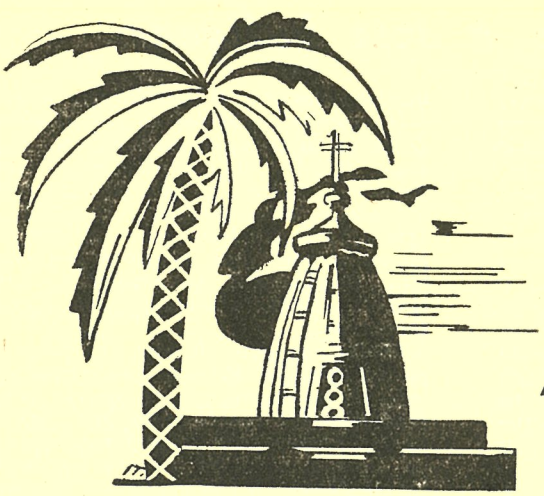
O cristianismo não deve colocar-se exclusivamente ao serviço desta ou daquela forma de arte. Seria diminuir-se. A universalidade da difusão é a sua riqueza. O cristianismo não é deste ou daquele povo, é de todos. As diferentes formas de arte indígena hão-de trazer-lhe o seu contributo e vincar-lhe mais o carácter universal.

A Igreja primitiva adoptou, como arte oficial, a greco-romana, porque mais inteligível ao espírito dos contemporâneos.

A casa de habitação tornou-se a primitiva basílica. A toga, e a túnica foram os paramentos do culto. Os sarcófagos, os altares do sacrifício. Isto no mundo greco-romano.

O catolicismo da Igreja exige outro tanto em cada um dos pontos a que chega a sua mensagem.

A. BAPTISTA DOS SANTOS



A India tem o seu primeiro Cardeal

A Providência, o tempo e a mudança do panorama político deram à Índia o seu primeiro cardeal.

Em 1929, a mão de Deus pareceu haver assinalado o futuro cardeal, quando o Arcebispo português de Bombaim, Dr. Lima nomeou secretário particular o jovem P. Gracias. Isto constituiu um acontecimento revolucionário de importância excepcional nos círculos eclesiásticos, pois, segundo a Concordata com Portugal, o secretário do Arcebispo era geralmente europeu.

Gracias entrou em 1923 para o Semi-

nário maior de Kandy, onde fez o doutoramento em Teologia. Dali seguiu para Roma, onde continuou os estudos. Ordenado de presbítero a 3 de Outubro de 1926, cantou a primeira missa na Festa de S. Francisco de Assis.

Mostrou sempre o maior amor ao Apostolado, quer como Pároco, em Banda, ao norte de Bombaim, quer como Director Espiritual da União de Estudantes Católicos daquela cidade. Neste cargo desenvolveu acção notável, inspirando-se, para muitas das iniciativas, no que vira na Europa, em especial na Bélgica.

É notável também a sua pregação, a ponto de os lugares na Catedral serem ocupados muito tempo antes de começar o sermão. E nos passeios e ruas próximas aglomera-se grande multidão, não só de católicos, mas também de índus.

Hoje, como Arcebispo, nas suas obrigações pastorais, olha a todos os pormenores, conhecendo como a palma da mão cada paróquia com os seus problemas.

Conhecendo bem os políticos de maior destaque, o Cardeal Gracias não perde a oportunidade de intervir, sempre que é necessáro, na defesa dos interesses da Igreja. Dentro do problema social, a sua última realização foi uma espécie de «Banco de empregos», ideia bem aceite entre patrões e operários, e que veio permitir a colocação a bastantes desempregados. Ùltimamente chamou à Índia o C.º Cardijn e tem incitado os seus Padres no sentido de maior interesse e assistência aos movimentos da juventude trabalhadora.

É evidente que com tal Cardeal à sua cabeça, a Igreja aumentou consideràvelmente a influência política na Índia. E se, pela graça de Deus, muitos anos forem dados ao Cardeal Gracias, há fundadas esperanças de um apostolado cheio de frutos ao serviço de Deus e da Índia católica.

(Condensado de «Extension», July, 1953, por J. Vieira Marques).

O Livro do Mês:

Diálogo do Homem e Deus [1]

— *Jacques Leclercq*

De muito o homem é capaz, mas há-de ser homem; quer dizer — há-de exercer as suas potências de homem; há-de viver.

Muitos jovens limitam-se a ser fiéis autómatos, reduzindo seus dias à reprodução dos sons e movimentos que seus mestres neles procuraram gravar. O movimento acelerado da vida moderna facilita, e quase exige este atrofiamento do ser humano, apagando assim a alegria espiritual do rosto dos jovens, para deixar neles apenas o brilho glacial e o sorriso de aço comum às máquinas e aos homens nelas transformados.

Por isso a palavra de ordem dos autores de hoje é sempre idêntica: vive, realiza-te, e encontrarás a paz e a felicidade. Está a tua realização em seres tu mesmo, em seres verdadeiro.

E a segunda palavra completa a primeira: — penitência. Vieste ao mundo em

---

(1) Col. Efeso, Casa do Castelo Editora, Coimbra, 1953.

pecado, quer dizer, nasceste com um falso eu. Para te realizares, tens de renunciar.

A mensagem do C.º Leclercq não é diferente. Mas o modo de a expor é admirável, levando-nos a realizá-la com entusiasmo.

O Autor começa por falar-nos do homem, criatura inconcebível, sem um Criador. Esse Criador é o Deus dos cristãos, manifestado em Jesus Cristo, e vivo na Igreja Católica.

O método, embora substancialmente inductivo, tem algo de estranho, a que chamaria introspecção. E no que se refere a Jesus Cristo e à sua Igreja, o C.º Leclercq emprega o método do Evangelho — «vem e vê».

À cabeça do primeiro capítulo lemos — *Pensar*. «Basta de erudição. É preciso pensar». O homem que pensa, e pensar é o cântico do espírito em contacto com as belezas que nos rodeiam, logo se põe o problema — «tudo isto é relativo; logo, tem de existir um absoluto». E como lhe é impossível viver sem ele, o homem não terá paz fora dele.

Abre-se então o tema fundamental — *Deus*.

Fora do Cristianismo, muitos partiram em busca de Deus. Alguns houve aos quais Ele se mostrou, e a Quem eles conheceram e adoraram, ainda que sob nomes falsos. Mas a maioria errou, porque é difícil separar o Absoluto das criaturas em que O descobrimos. É esta a origem psicológica do panteísmo, materialismo...

Em relação a Deus somos *Criaturas*, e realizamo-nos colaborando com o Criador. Uma criatura é um ser dependente, que recebeu tudo o que tem. A humildade, portanto, e a conquista dos valores supremos, os valores espirituais, são o caminho para a verdadeira vida.

E tomando agora o homem como Ser Social, o ilustre sociólogo encerra o seu livro falando da Sociedade dos cristãos.

Rejeita as sociedades fundadas por filósofos e criadores de religiões, que não sejam Jesus. Porquê? Recusa-se a dizer. Ele vê e diz-nos também: «Vem e vê». «O Cristianismo é um mistério de amor patenteado por Cristo. E o problema de Cristo é problema mais da Pessoa, que de uma doutrina».

Finalmente, no capítulo «*Cristãos*», o Autor mostra toda a grandeza da sua alma, no desejo de se encontrar com Deus, de se purificar, de pairar acima do comum dos mesmos cristãos, de fugir à banalidade.

Tem frases como estas — «Ser cristão é portanto isto — arrancamento. É mais que um credo. Não nos podemos dizer cristãos, se não pudermos testemunhar que a nossa vida foi resolvida, que é uma vida diferente, pelo facto de sermos cristãos». «Não há, portanto, meio de ser cristão, senão em reacção violenta contra o meio ordinário».

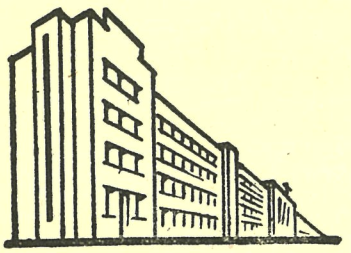
E o último problema é o da *Igreja de Cristo*. Diz o Autor haver católicos mais indignos de Cristo que alguns protestantes. Confessa que a Igreja tem falhas na sua organização humana, mas conclui: «Encontro a vida de Cristo na Igreja. É por isso que sou católico».

Esta é, creio eu, a linha de pensamento do Autor. Na verdade, não é fácil resumir um livro de duas centenas de páginas que o Autor diz só ter terminado quando disse tudo.

«Diálogo do Homem e de Deus» é um concatenado admirável de pequenas frases palpitantes de vida, cada uma valendo de per si, e nisto parece estar o segredo da sua atracção sobre os espíritos.

Como chave da colecção «Éfeso», é, de facto, a promessa mais segura de que em breve teremos uma colecção dirigida aos «espíritos famintos e sequiosos, não de pão nem de água», mas de Deus e de si mesmos.

F. M. CARVALHO



CRÓNICA

Um bom passeio

Preparámo-nos para a dura tarefa dos exames e sua preparação próxima, respirando durante um dia inteiro o ar tonificante e descongestionador do nosso Tejo de águas calmas.

Um vapor veloz conduziu-nos à outra margem e almoçámos na formosa mata do Alfeite. Dali seguimos pela margem esquerda e depois de tocar na Trafaria endireitámos para Belém, onde de novo desembarcámos. Também aí não faltou que visitar... e pela tardinha foi o regresso.

Retemperados de corpo e espírito, preparámo-nos para os últimos esforços dum ano de trabalho.

Festa dos Finalistas

É sempre penoso ver partir aqueles com quem partilhámos uma vida feita dos mesmos objectivos, dos mesmos anseios e deficuldades. No entanto, uma vez que é preciso sair do Seminário para o nosso ideal alcançar plena realização, é com natural regozijo que vemos partir, todos os anos, os nossos irmãos mais velhos.

Resta agradecer a Deus que a todos escolheu e conduziu ao altar.

Por nosso lado quisemos manifestar-lhes na hora da despedida a nossa grande alegria proveniente do amor fraterno que une os membros duma mesma família. Eles não nos abandonam, vão-nos preparar o caminho.

É este o sentido da festa que foi continuamente sublinhado em todos os actos do dia.

Da parte da manhã o acto central foi o Pontifical solene celebrado pelo Sr. Cónego Vice-Reitor. De tarde, a sessão presidida pelo Sr. Cardeal Patriarca em que falou pelos que ficam o seminarista Carlos Leonel Santos, e pelos que partem Tiago Delgado Tomás.

Como remate foi representada a peça «Assim na terra como no Céu...» do austríaco Fritz Hochwalder. Trata-se duma realização magnífica da moderna arte teatral que tem transportado para o palco candentes questões morais e sociais.

É evocada a actividade dos Jesuítas nas célebres «reduções» do Paraguai, no Séc. XVIII, e a propósito o autor leva-nos a discorrer sobre um problema de transcendente importância e flagrante actualidade: o papel e missão da Igreja, sociedade essencialmente espiritual, na edificação da cidade temporal.

Academia de Santo António

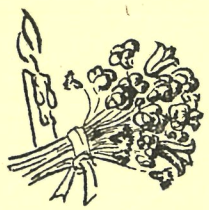
No encerramento dos trabalhos deste ano, manifestou também a secção de Filosofia o seu interesse pelos problemas relativos à Acção Católica. Falou o académico Paiva Afonso.

Deus permita que o interesse que hoje lavra entre nós, e para que muito têm contribuido as visitas frequentes dos jucistas e jocistas, se traduza amanhã, na vida, por uma atitude aberta de compreensão e estímulo pelo papel que os apóstolos leigos são chamados a desempenhar na conquista da sociedade para Cristo.

O Rev.mo P. Vítor Franco, capelão dos hospitais civis, que a pedido da academia nos fez uma segunda visita, falou-nos sobre as modernas correntes que no campo da medicina e da enfermagem fazem tábua rasa do princípio humano e cristão da dignidade inviolável da pessoa humana, que desrespeitam.

Desenvolveu depois, à luz do seu saber e experiência, alguns pontos práticos da Pastoral dos doentes.

Pelas catequeses



Encerrámos mais um ano de actividades catequísticas. Conscientes do papel delas na formação, pusemos todo o nosso empenho num trabalho que é já uma experiência. Neste sentido lucrámos tudo.

Mereceram-nos as crianças a maior atenção e desvelo e quanto a frutos colhidos, embora a Deus pertença a última avaliação, pedemos dizer que o nosso esforço foi bem recompensado: 329 crianças, pela nossa mão, rèceberam pela primeira vez Jesus Sacramentado; 87 outras, com idade suficiente para decisões sérias, afirmaram publicamente a sua fé e os propósitos de nela perseverar.

E não faltou também, na tarde do dia solene, a festa de despedida dos «Senhores Seminaristas». Entoaram-se as as últimas «cantigas» e projectou-se o último «cinema», desta vez acompanhado de música e palavras em gravação. Foi assim em Moscavide, Olivais, Sacavém e Encarnação...

Nova Direcção

A Academia, na última sessão do ano, entregou os poderes de presidência a António Jorge Martins, eleito desde Maio.

O novo presidente nomeou os seus colaboradores e revelou o programa a que pretende dar realização durante o ano próximo. É de palpitante interesse e resume-se nestas palavras: A Igreja face ao mundo de hoje, tal como ele se nos apresenta no estado actual da sua evolução.

Pretende-se dar aos académicos uma visão panorâmica do mundo do Séc. XX, dos seus mais característicos contributos no campo da técnica, da filosofia, da arte, da religião. Salientar depois o poder transfigurador do cristianismo que integra tudo o que é autênticamente humano e o sublima.

Para influenciar importa estar presente. É essa preocupação de presença, que é antes de tudo uma atitude de acolhimento e compreensão perante todas as realidades humanas, que hoje, mais do que nunca, é pedida aos cristãos.

Em boa hora, pois, a Academia se propõe despertar em nós tão urgentes preocupações.

A. TAVARES

Nota da Redacção

Um lapso infeliz na revisão de provas deixou que no número de Julho tivesse escapado uma gralha imperdoável. No artigo do Rev.mo Senhor Cónego A. Gregório Neves, «O tema do Sacerdócio dos fiéis», logo na 10.ª linha (página 171), está «séc. XX...», quando de facto deve ler-se «séc. XIII...»

Ao ilustre autor e a todos os leitores, as nossas desculpas.

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação



Um esforço diário de
800
PORTUGUESES

SACOR
EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

MÁRMORES
CANTARIAS
Pardal Monteiro, Limitada
(Casa fundada em 1888)
Sede e instalações industriais:
PERO PINHEIRO
EM LISBOA:
Est. de Benfica, 167 a 171 (Sete Rios)
Telefones: P. P. 18 e 74307

CASA Fânzeres
Oficinas de Imagens, Pinturas, Douramentos, Altares, Tribunas, etc.
Restauros, Telas, Cetins e Estandartes
ARTIGOS DE METAL
Rua do Souto, 134 — BRAGA
Telef. 704

Cafés
Chás
Farinhas
Cevadas
Chocolate
Cacau
Pudins
Flocos de Aveia
O melhor que se produz e se prepara, é o que vende
A Mariazinha
Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas
Lisboa
Rua Barros Queiroz, 28
Porto
Rua de Santo Ildefonso, 415

C. SANTOS
LANIFÍCIOS
Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.
Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de cor
DESCONTOS E PRAZOS
COVILHÃ

SOCIEDADE EDITORA
ALA ESQUERA L.DA
Composição e impressão de
Jornais, Livros e Revistas
Trabalhos Tipográficos em todos os géneros
Telefone. 268 — BEJA — Apartado 25
(Oficinas Gráficas da Diocese)

Sociedade de Tapeçarias, L.da

ESTOFADORES E DECORADORES

Rua Augusta, 126 - 130 - Tel. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.

Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

Grave na sua memória onde gravar os seus trabalhos



Fotogravura

ARMEIS & MORENO, L.DA.

T.S. JOÃO DA PRAÇA, 38

TELEF. 28055

LISBOA

Livraria e Papelaria Moderna — *Machado & Ribeiro, L.da* — **Livraria Católica Portuense**

LARGO DOS LOIOS, 50 — **PORTO** — TELEFONE, 2 5156

Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros

Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos

Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação, Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 14$50=Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 - História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00=Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 16$00=Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur, 16$00—Caminho da Perfeição por Santa Tereza de Jesus, 16$00—Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 15$00 Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr Antônio Ferreira Pinto, 10$00—Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. Antônio Ferreira Pinto, 12$50—Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00 Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P.e Quillard, 25$00—Manual das Noviças, 16$00

Material Escolar

Peçam catálogos indicando o género de livros

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

Telefones 54012 / 51594

TRANSPORTES SIMÕES — *José Simões*

Transporte para qualquer parte do País

Rua Pascoal de Melo, 58—LISBOA

Pratas de arte, jóias
bronzes artísticos
pratarias para o culto

realizadas pela célebre
OURIVESARIA ALIANÇA
nas suas oficinas próprias
e muito bem organizadas.
Fornecem-se orçamentos
Preços módicos
OURIVESARIA ALIANÇA

CELESTINO DA MOTTA MESQUITA

Proprietário
Sede:
Rua das Flores, 191 a 211
PORTO
Filial:
Rua Garrett (Chiado), 50
LISBOA

Viúva Macieira & Filhos

Fábrica de papel para escrever, impressão e embrulho. — Armazém de papeis nacionais e estrangeiros **e papelão** — **Papelaria**

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Telefones: *Escritório*: 31721 / *Papelaria*: 31722

R. da Madalena, 10 a 22 - Lisboa

SOCIEDADE POLLUX, L.da

Grandes descontos para revenda

Quinquilharias, Bijouterias, Cutelarias, Brinquedos, Novidades Nacionais e Estrangeiras.

132, 1.º, Rua da Palma, 138

Tele. fone: 22293 / 23668 — gramas Pollux — **LISBOA**

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género
(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 — **RUA DO OURO, 166 a 170**

Lustres — Lanternas — Placas — Castiçais — Lâmpadas — Suspensões
Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO — VENTILAÇÃO — CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

TOSSE ?



HORAS CALMAS

COM

BENZO-DIACOL